



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, NATURAIS, SAÚDE E
TECNOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A ELABORAÇÃO DE MATERIAIS LÚDICOS PARA AS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL

Carla Milena Galvão Castro

Pinherio-MA
2024

CARLA MILENA GALVÃO CASTRO

**A ELABORAÇÃO DE MATERIAIS LÚDICOS PARA AS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Educação Física
da Universidade Federal do Maranhão /
Campus Pinheiro para obtenção do Grau de
Licenciado em Educação Física.

Orientador: Dr. Lucio Carlos Dias Oliveira

**Pinherio-MA
2024**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Galvão Castro, Carla Milena.

A Elaboração de Materiais Lúdicos Para As Aulas de Educação Física Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental / Carla Milena Galvão Castro. - 2024.

58 p.

Orientador(a): Lucio Carlos Diógenes Oiveir;

Monografia (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Maranhão, Pinheiro, 2024.

1. Materiais lúdicos. 2. Ludicidade. 3. Criatividade. 4. Educação Física. 5. Ensino Fundamental.

I. Diógenes Oiveir;, Lucio Carlos Diógenes Oiveir;. II. Título.

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

CARLA MILENA GALVÃO CASTRO

**A ELABORAÇÃO DE MATERIAIS LÚDICOS PARA AS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de licenciatura em Educação Física da
Universidade Federal do Maranhão / Campus
Pinheiro para obtenção do Grau de Licenciado
em Educação Física.

A Banca Examinadora da Defesa de trabalho de conclusão de curso (dissertação),
apresentada em sessão pública, considerou o candidato aprovado em: 18 / 06 / 2024

Prof. Dr. Lucio Carlos Dias Oliveira (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Bruno Leonardo Dias Oliveira
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Lázaro Rocha Oliveira
Universidade Federal do Maranhão

Prof^a. Dr^a. ... (Examinador)
Universidade Federal do Maranhão

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para o meu crescimento e sucesso durante minha jornada na UFMA. Agradeço a Deus por todas as oportunidades concedidas e por me guiar ao longo desse caminho.

Agradeço de coração aos meus pais e toda a minha família por todo o apoio e incentivo, especialmente nos momentos difíceis em que precisei me deslocar do interior para a universidade.

Agradeço imensamente ao meu grupo da faculdade, em especial ao quarteto que sempre esteve ao meu lado, e à minha amiga Jaqueline Alves, que sempre esteve presente para me auxiliar nos trabalhos acadêmicos.

Também dedico uma gratidão especial ao meu tio Jose Henrique, que infelizmente não está mais entre nós, mas que sempre foi uma figura importante e que certamente estaria orgulhoso da minha conquista.

Agradeço ao meu orientador, que além de ser um excelente profissional, sempre me apoiou e orientou da melhor forma possível.

Por fim, um sincero agradecimento a toda turma de 2015 e aos professores que passaram por minha vida acadêmica, e à Universidade Federal do Maranhão, pelos ensinamentos e experiências. Até logo, UFMA! Muito obrigado a todos!

O professor de Educação Física é um educador sim! Para transformar o corpo precisa reeducar e trabalhar a mente!

Thaís Sepolto

RESUMO

Nem todas as escolas têm a estrutura ideal ou recursos materiais suficientes para as aulas de Educação Física. Este artigo visa abrir novos horizontes para que os professores superem esses desafios. A pesquisa tem como objetivo apontar a importância da elaboração de materiais alternativos nas aulas de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental, tendo como pergunta norteadora: de que forma a elaboração de materiais alternativos aplicados nas aulas de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental pode auxiliar no processo de aprendizagem dessas crianças? A pesquisa é uma revisão bibliográfica de abordagem integrativa, desenvolvida através da análise de artigos que abordassem a elaboração de materiais alternativos, ludicidade, ausência de materiais nas aulas de Educação Física e brincadeira/brinquedo, considerando as publicações de 2007 a 2023. Os resultados encontrados através dos sete estudos mostraram que existe uma necessidade de elaboração dos materiais alternativos quando não existem os materiais pedagógicos adequados para as aulas práticas desta disciplina nas escolas. Assim, sua elaboração auxiliaria no ensino do conteúdo e, junto a isso, seria possível trabalhar a autonomia, a ludicidade e a criatividade nos alunos durante essa confecção para suas aulas, além de ensiná-los a cuidar e zelar pelo que constroem. Espera-se que esta pesquisa venha a contribuir na prática pedagógica do professor de Educação Física, no sentido de mostrar a imprescindibilidade do uso da inovação e criatividade, bem como a importância de não negligenciar a ministração dos conteúdos curriculares por falta desses materiais, que podem ser confeccionados nas próprias aulas juntamente com os alunos, legitimando assim a qualidade nas práticas de Educação Física.

Palavras-chave: Materiais alternativos; Educação Física; Ensino fundamental; Ludicidade; Criatividade.

ABSTRACT

Not all schools have the ideal structure or sufficient material resources for Physical Education classes. This article aims to open new horizons for teachers to overcome these challenges. The research aims to highlight the importance of elaborating alternative materials in Physical Education classes in the early years of elementary school, with the guiding question: how can the elaboration of alternative materials applied in Physical Education classes in the early years of elementary school help in the learning process of these children? The research is an integrative literature review, developed through the analysis of articles addressing the elaboration of alternative materials, playfulness, absence of materials in Physical Education classes, and play/toy, considering publications from 2007 to 2023. The results of the seven studies showed that there is a need to elaborate alternative materials when adequate pedagogical materials are not available for practical classes in this discipline in schools. Thus, their elaboration would assist in teaching the content, and it would also be possible to work on autonomy, playfulness, and creativity in students during this construction for their classes, in addition to teaching them to care for and value what they build. It is hoped that this research will contribute to the pedagogical practice of Physical Education teachers, by showing the indispensability of using innovation and creativity, as well as the importance of not neglecting the delivery of curricular content due to lack of materials, which can be made in the classes themselves with the students, thus legitimizing the quality in Physical Education practices.

Keywords: Alternative materials; Physical Education; Elementary education; Playfulness; Creativity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 MATERIAIS E MÉTODOS	14
3 CONCEITO DE LÚDICO	16
3.1 O lúdico nas aulas de Educação Física	17
4 OS JOGOS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM INFANTIL	19
4.1 Os jogos e a aprendizagem.....	21
4.2 O papel do professor de educação física	23
5 COMO E QUANDO USAR OS JOGOS	25
5.1 Como.....	25
5.2 Quando.....	26
5.3 Objetivos dos jogos.....	28
6 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E AS BRINCADEIRAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	31
6.1 Educação Física Escolar	31
6.2 As brincadeiras nos anos iniciais do ensino fundamental	35
7 CONCEITO DE MATERIAIS ALTERNATIVOS	39
8 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE	42
8.1 Do conceito de meio ambiente	42
8.2 Sustentabilidade.....	43
8.3 Educação Ambiental.....	45
9 A IMPORTÂNCIA DA ELABORAÇÃO E USO DE MATERIAIS ALTERNATIVOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	47
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

1 INTRODUÇÃO

O processo de ensino e aprendizagem requer um planejamento específico que permita organizar de forma eficaz os acontecimentos das aulas e direcionar as atividades realizadas para que essas atinjam o fim para o qual foram elaboradas. Independentemente da disciplina ou temática trabalhada, os professores necessitam planejar e prover os recursos materiais que servirão de auxílio para amparar o processo de ensino-aprendizagem, envolver o estudante no processo de criação das ferramentas utilizadas, gerar autonomia e participação e/ou esses recursos serão utilizados como o próprio conteúdo em si da aula, como é o caso da disciplina de Educação Física (Sebastião; Freire, 2009; Ribeiro, 2016).

Pensando no planejamento pedagógico que é uma maneira dos professores organizarem as aulas e os conteúdos de determinada disciplina, neste caso, a Educação Física que segundo Ribeiro (2016) “O planejamento na Educação Física é uma forma eficaz para o bom desenvolvimento das aulas, tratando-se de ações planejadas para alcançar os objetivos propostos.” Com isso, o uso de materiais e a utilização desses durante as atividades necessitam ser claros e intencionais, dialogando com os objetivos e a avaliação da aprendizagem.

Sem esta clareza é provável que o professor se perca na variedade de objetos, cores, formas, tamanhos e espaços de materiais disponíveis sem que esses desempenhem um papel fundamental para que o educando seja levado a construir conhecimento e desenvolver as competências necessárias do conteúdo trabalhado.

Na Educação Física, o uso de materiais ganha um destaque diante da indispensabilidade com o qual ele é utilizado na aprendizagem de todos os conteúdos, sejam estes referentes aos esportes, as ginásticas, as lutas corporais, as danças ou às brincadeiras e jogos (Novais; Avila, 2015). Esta disciplina no documento que rege a educação básica no Brasil, segundo a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018) nos anos iniciais do ensino fundamental, contempla cinco unidades temáticas são elas: 1º brincadeiras e jogos, 2º esportes, 3º ginásticas, 4º danças e 5º lutas, tendo brincadeiras e jogos como temática destacada na transição

da educação infantil para os anos iniciais do ensino fundamental, segundo este documento.

É importante reconhecer, também, a necessária continuidade às experiências em torno do brincar, desenvolvidas na Educação Infantil. As crianças possuem conhecimentos que precisam ser, por um lado, reconhecidos e problematizados nas vivências escolares com vistas a proporcionar a compreensão do mundo e, por outro, ampliados de maneira a potencializar a inserção e o trânsito dessas crianças nas várias esferas da vida social. (Brasil, 2018, p.224).

Ou seja, é dada ênfase aqui que a ampliação das experiências do brincar desenvolvidas na educação infantil e que agora, nos anos iniciais do ensino fundamental, serão trabalhadas sob uma ótica ampliada que permita amadurecer a compreensão do mundo da criança e dos espaços sociais que ela ocupa (Brasil, 2018).

As brincadeiras e os jogos, portanto, são temáticas com possibilidades de criação diversas – e com flexibilidade, sendo capaz de ser aplicada como suporte a todas as outras áreas do conhecimento, sejam elas da Educação Física ou não – que necessitam de materiais também diversos para que os estudantes possam explorar o âmbito das brincadeiras, da ludicidade, da criatividade e da imaginação.

Para Novais e Avila (2015) “pelos necessidades específicas que a Educação Física tem em relação aos recursos físicos e materiais mesmo existindo estrutura própria, nem sempre os recursos materiais são suficientes e apropriados para a prática pedagógica” assim, com a disponibilidade de tais recursos é possível que o professor tenha melhores condições de realizar um trabalho pedagógico com excelência e eficiência, sabendo que esta não é a única possibilidade, pois o ato do ensino-aprendizagem envolve diversos fatores.

Em um cenário onde há escassez de oportunidades para brincar na escola, verifica-se que para ampliá-las pode-se recorrer à construção de brinquedos com materiais alternativos. Essa construção em forma de oficina possibilita a discussão e o desvelar sobre inúmeras possibilidades do brincar, tanto teóricas quanto práticas (Tolocka; Pereira; Poletto, 2018).

Apesar disso, a realidade do ensino atual brasileiro, mais vigorosamente o ensino da rede pública, tem evidenciado que muitos espaços escolares carecem de recursos satisfatórios destinados às aulas de Educação Física, como também há materiais em condições precárias, inviáveis para o seu uso. Esse cenário é confirmado

por Teixeira, Soares e Ferreira (2018, p.578) “os professores afirmaram que as dificuldades: falta de espaço físico adequado, materiais didático-pedagógicos disponíveis, desmotivação por parte dos professores”, sendo assim tais dificuldades nas escolas comprometem o ensino-aprendizagem dos estudantes, fazendo com que, por vezes, não cheguem a vivenciar o conteúdo e mantêm-se atrasados no nível esperado de aprendizagem em relação a outros estudantes da mesma série de outras instituições, contudo este fator depende do professor e de sua motivação para fazer com que seu aluno consiga associar o conteúdo de uma forma diferente e inovadora, com o que há disponível ou não na instituição.

Diante desse cenário, faz-se necessário que o professor de Educação Física possa se reinventar no seu trabalho pedagógico buscando alternativas que possibilitem ofertar o conteúdo sem perda da qualidade e dos saberes fundamentais que os alunos devem construir nesta etapa da educação básica.

Por outro lado, é indispensável diante da gestão escolar e do poder público a reivindicação de espaços e ferramentas adequadas de trabalho para esses profissionais da educação, contudo, tal ausência desses recursos não deve ser justificativa para a negligência de determinados conteúdos ou para um exercício docente descompromissado. Gemente e Matthiesen (2017, p.193) mostram que “construindo e utilizando materiais alternativos, iniciando, com isso, um caminho rumo à transformação do trabalho docente em relação ao ensino em aulas de Educação Física escolar”, ou seja, a construção de materiais alternativos, principalmente quando esta envolve a participação dos estudantes, deve contribuir para o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e experiências do estudante, assim como, deve refletir a responsabilidade do professor diante do processo de ensino-aprendizagem.

Pelo panorama apresentado acima, deu-se início a essa pesquisa que tem como problemática a seguinte questão: de que forma a construção de materiais alternativos aplicada nas aulas de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental podem auxiliar no processo de aprendizagem dessas crianças? Tendo em vista que esses materiais podem ser desenvolvidos pelo professor através de oficinas como prática pedagógica, reutilizando de materiais que são usados no nosso dia a dia como: garrafas pet, papelão, revistas, tampinhas de garrafas e outros

materiais que possam ajudar na confecção dos brinquedos e jogos, e que a confecção de similares alternativos melhoraria a prática das atividades, bem como, contribuiria para o desenvolvimento autônomo e criativo dos estudantes. Esta pesquisa apresenta como objetivo apontar a importância da construção de materiais alternativos nas aulas de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A trajetória metodológica escolhida para alcançar os objetivos desta pesquisa foi uma revisão bibliográfica do tipo narrativa. Para Cervo, Bervian e Silva (2007) a comparação é a técnica científica aplicável sempre que houver dois ou mais termos com as mesmas prioridades gerais ou características particulares. A análise integrativa, está incluída na realização da análise e da síntese, de maneira que seja possível diferenciar as propriedades gerais e as características particulares de cada um dos termos. Além disso, os dados foram tratados sob uma abordagem qualitativa.

Para Casarin et al (2020) As Revisões de literatura são pesquisas que se organizam a partir de uma análise sintética da literatura, propondo dar voz e significado ao pensamento do autor. Identifica o estado da arte e a realidade sobre determinado assunto a partir da literatura, de forma crítica e comparativa.

Ainda com Casarin et al, as “revisões narrativas” não se baseiam em critérios explícitos e sistemáticos para a coleta e análise da literatura. Suas fontes de informações podem se basear em variados tipos de documentos, não estabelecendo critérios de espaço e tempo, e dialogando de forma crítica com a literatura, dando voz e representatividade ao autor. A seleção e interpretação das informações estão sujeitas à subjetividade dos autores, direcionando seu exercício crítico de escolha dos documentos que formarão o escopo da pesquisa.

Sendo assim, optou-se por buscar somente através do Google Acadêmico estudos que se relacionassem com a temática desta pesquisa tendo como palavras-chave: Educação Física; Lúdico; Materiais Alternativos; Ausência de material; Brincadeira; Brinquedo. Esta plataforma de busca é um sistema do Google que permite aos pesquisadores encontrar literatura acadêmica na Web de diversas áreas do conhecimento, disponibilizando artigos científicos, teses, dissertações, livros, resumos e materiais de organizações profissionais, tudo em um só mecanismo de busca, não sendo necessário procurar individualmente em uma base de dados isolada ou em um determinado repositório acadêmico, como a Scielo, Lilacs ou em periódicos da área da saúde, por exemplo. Além disso, esta plataforma permite filtrar estudos pelo idioma, citações, datas e relevância do estudo publicado.

Inicialmente, através das palavras-chave e dos mecanismos de seleção de datas e classificação por idioma (Língua Portuguesa) foram encontrados mais de 200 estudos, ao qual foram gradativamente sendo excluídos pela leitura dos títulos que não tivessem relação com a produção ou importância de material alternativo para educação física escolar; que não apresentassem relação também com a faixa etária correspondente aos anos iniciais do ensino fundamental, e não compreendessem o período entre os anos de 2007 e 2023.

Pela grande quantidade de trabalhos publicados e, considerando o tempo determinado para a exequibilidade desta pesquisa, optou-se pela seleção apenas de artigos científicos publicados em periódicos, sendo assim foi determinado como critérios de exclusão, trabalhos publicados em congressos, anais, teses, dissertações e monografias, antes de 2007 e após 2023 e que fizessem referência ao segmento de ensino infantil, anos finais do ensino fundamental e/ou ensino médio. Com a aplicação desses critérios, a leitura dos resumos e seleção dos estudos, e posteriormente a leitura na íntegra para a escrita desta pesquisa. Foram incluídos nessa análise os trabalhos que abordassem temáticas como: lúdico na Educação Física, produção de materiais e brinquedos, ausência de materiais pedagógicos nas aulas de Educação Física e brincadeira ou brinquedo, bem como, os que apresentassem clareza metodológica e estivessem delimitados no período de tempo acima citado.

3 CONCEITO DE LÚDICO

A palavra lúdico origina-se do latim “*ludus*”, que significa brincar. Esse conceito inclui brinquedos, brincadeiras e jogos, que são componentes essenciais do universo infantil. Desde os primórdios da humanidade, as crianças se envolvem nessas atividades, que são fundamentais para o aprendizado e o desenvolvimento integral do indivíduo. Não é possível imaginar o crescimento de uma criança sem considerar a importância do brincar, pois, conforme Santos (1997) afirma, “as atividades lúdicas são a essência da infância”.

Para De Souza Massa (2015) a palavra “lúdico”, não existe na língua portuguesa, o que explora a necessidade de aprofundamento para compreensão o termo. O autor identifica três diferentes possíveis compreensões para a palavra: a atividade lúdica; o sistema de regras bem que existe independente dos jogadores; e o objeto que os indivíduos usam para jogar.

Compreender o termo exige um processo de abstração aprofundada, que mergulha as diferentes representações e significados, construídos a partir de cada cultura específica. A ludicidade irá se expressar de diferentes formas e manifestações em dependência direta com o período e a localidade em que se apresenta.

O brincar e o brinquedo se manifestam como ferramenta e caminho para alcançar a ludicidade. Para Lopes (2004) o termo alcança uma polissemia, que extrapla ao processo de linguagem, se manifestando, também, uma diversidade de perspectivas, teorias e conceitos. Reflete de diferentes formas o significado de lúdico.

Para a autora se manifesta a partir de cinco termos usados indistintivamente: - **Brincar** – deriva de brinco, tendo diferentes interpretações como foliar, divertir, entreter, gracejar, jogar, proceder levemente. **Jogar** – deriva do latim *jocare*, e também raiz da palavra jogo em várias línguas. Se relaciona com atividades de recreação do espírito, distração, entretenimento, divertimento, prática de esportes, astúcia, fingimento e luta, entre outros. **Brinquedo** – deriva da palavra brinco e também se relaciona com objetos construídos para entretenimento, bem como as próprias brincadeiras. **Recrear** – deriva da palavra recrear, que significa “criar de

novo”. Se relacionada com atividades lúdicas que se relacionam com o tempo, como intervalo de tempo útil. **Lazer** – deriva da palavra *licere* que em latim significa “tempo livre”. Se relaciona diretamente o descanso, ócio, repouso, liberdade de usar seu tempo livre como bem entende. Tempo excedente ao trabalho, onde o indivíduo utiliza com sua vontade.

A escola como instituição educativa tem o compromisso de fazer com que essa prática lúdica de fato aconteça, pois é uma proposta metodológica que contribui para uma vida mais prazerosa e significativa. Através do lúdico a escola estimula à criança a uma melhor relação com o seu ambiente social. Segundo Maluf:

Brincar sempre foi e sempre será uma atividade espontânea e muito prazerosa, acessível a todo o ser humano, de qualquer faixa etária, classe social ou condição econômica (2009, p.17).

O brincar faz parte da vivência da criança, é um modo dela interagir com o mundo de forma criativa e saudável. As atividades lúdicas devem ser inseridas na prática escolar, pois é por meio da brincadeira que a criança nos mostra toda a sua forma de comunicação, sua linguagem, seus sentimentos, emoções. Além disso, é uma maneira da criança compreender melhor a realidade em que vive.

3.1 O lúdico nas aulas de Educação Física

O termo lúdico pode ser compreendido como uma ação que leva ao divertimento. Toda e qualquer brincadeira exige regras, mesmo que estas não sejam explícitas. Para Cristina Munhoz Maluf (2009, p.21), brincadeira “É a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica. Pode-se dizer que é o lúdico em ação”.

Para a prática do lúdico, em sala de aula nas séries iniciais do Ensino Fundamental é necessário o educador conhecer as fases do desenvolvimento infantil, segundo Piaget, para que possa desenvolver brincadeiras de acordo com o estágio de desenvolvimento cognitivo da criança. Desta forma, terá êxito em suas atividades e as crianças estarão desenvolvendo todas as suas potencialidades.

A aprendizagem por meio do lúdico proporciona ao educando tornar-se um indivíduo mais criativo, autônomo e feliz, desenvolvendo capacidades importantes

como a atenção, a imaginação e facilita sua inserção no mundo social. Durante as brincadeiras, a criança vai estabelecendo relação com o mundo adulto através de suas representações simbólicas.

Contudo, o lúdico contribui para o desenvolvimento integral da criança. Por meio da brincadeira, a aprendizagem se torna muito mais significativa e prazerosa, o aluno aprende sem perceber. O lúdico faz parte do mundo da criança. A escola, portanto, não pode ficar alheia a isso.

Quando se fala do lúdico, este conceito está relacionado ao jogo, ao brincar, ao movimento espontâneo. De fundamental importância no processo de formação cognitiva do estudante, sendo assim uma ferramenta pedagógica, visto que, a ludicidade é indispensável no processo de aprendizagem do estudante. Segundo Severino e Porrozzi (2017, p.52) “[...] a ludicidade ou o simples ato de brincar faz parte do cotidiano da criança, desde o seu nascimento. Ao brincar, a criança passa a desenvolver não somente a sua inteligência, mas também o seu esquema corporal e a sua socialização [...]”, pois o uso da diversão ou brincadeira torna a atividade mais chamativa e para o mundo dos estudantes é um meio facilitador para o entendimento do conhecimento passado no momento da aula, seja com uso de gestos ou falas engraçadas.

A ludicidade não pode ser vista apenas como diversão e sim como necessidade humana, pois cada momento de ludicidade pode ser também um momento de aprendizagem. Desta forma Scopel, Cavalli e Scur (2016, p.216) apontam que no momento e durante o envolvimento com o material lúdico proposto, os estudantes participam de uma forma mais espontânea das atividades, contribuindo assim para a construção dos conhecimentos de forma mais significativa, em diversas áreas do conhecimento. Devido à geração de um ambiente mais confortável, motivador e prazeroso, colabora para que haja a troca de ideias, como também a cooperação e a socialização entre todos envolvidos, o que resulta em uma aprendizagem significativa.

4 OS JOGOS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A APRENDIZAGEM INFANTIL

Sabe-se que o aprendizado no Ensino Fundamental, nem sempre é encarado pelos alunos como algo prazeroso ou motivador, já que certas disciplinas envolve cálculos e conceitos lógicos muitas vezes difíceis de serem assimilados. Assim sendo, defende-se a idéia de que os jogos podem se constituir como um poderoso aliado ao ensino do educando tornando o aprendizado mais prazeroso e efetivo voltado para a aplicabilidade dos jogos no ensino fundamental.

Portanto, os jogos devem ser também uma forma de melhorar a relação entre os alunos visto que geralmente unem seus participantes. Por isso, o enfoque principal dessa prática deve ser suficientemente forte e esclarecedor eliminando dessa maneira as rivalidades que possivelmente surgirem.

O jogo, portanto, deve desenvolver-se num programa integral de educação do indivíduo, devendo ser praticado de uma forma construtiva e não como uma série de atividades sem sentido, tendo como objetivos o desenvolvimento de capacidades físicas e intelectuais, a iniciação estética e científica, não esquecendo a importância na socialização através da sensibilização para o espírito de grupo, a cooperação, a confiança, a interdependência e o desenvolvimento da identidade pessoal.

Todos esses argumentos justificam a utilização dos jogos e sua importância pedagógica como meio de promover o desenvolvimento infantil.

Assim, um dos exemplos, a matemática é vista na escola como uma disciplina difícil, que apenas poucos privilegiados conseguem aprender. Muitos alunos se queixam dizendo que não entendem ou não gostam da disciplina. Infelizmente, na maioria das escolas, a matemática é trabalhada de forma descontextualizada sem quase que nenhuma relação com o que os alunos usam no seu dia a dia.

Uma das formas de resgatar o gosto pela matemática é a utilização dos jogos, que ultimamente vem ganhando espaço dentro das nossas escolas numa tentativa de trazer o lúdico para dentro da sala de aula. A pretensão da maioria dos professores com a sua utilização é a de tornar as aulas mais agradáveis com o intuito de que a

aprendizagem torne-se algo fascinante. Além disso, as atividades físicas podem ser consideradas como uma estratégia que estimula o raciocínio levando o aluno a enfrentar situações conflitantes relacionadas com o seu cotidiano.

Contudo, muitas vezes ele é concebido apenas como um passatempo ou uma brincadeira e não como uma atividade que pretende auxiliar o aluno a pensar com clareza, desenvolvendo sua criatividade e seu raciocínio lógico, e muito menos, como sendo um instrumento para a construção do seu conhecimento. Segundo Piaget (1967, p. 24): “O jogo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para resgatar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo e moral”.

Além disso, a utilização dos jogos vem colaborar com o valor formativo do educando, não no sentido de apenas auxiliar na estrutura do pensamento e do raciocínio dedutivo, mas, também, de auxiliar na inquisição de atitudes. Desse modo, pensamos que através dos jogos é possível desenvolvermos no aluno além da habilidade estudantil, sua concentração a sua curiosidade, a consciência de grupo, o coleguismo e a autoestima.

É nesse sentido e com esse olhar que pretendemos inserir o jogo nas aulas do ensino fundamental. Para tanto o jogo passa a ser um agente cognitivo que auxilia o aluno a agir livremente sobre suas ações e decisões fazendo com que ele desenvolva além do conhecimento matemático também a linguagem, pois em muitos momentos será instigado a posicionar-se criticamente frente a algumas situações.

Além disso, sabemos que a cada dia tornar-se difícil manter o nosso aluno atento ao que ocorre dentro da sala de aula. Frente a tantas alternativas tecnológicas e mais atraentes as quais são oferecidas fora da sala de aula, o aluno, mesmo a criança, o adolescente como adulto questionam a aprendizagem das aulas que recebem dentro da escola, perdendo assim a curiosidade, o interesse e até o prazer de estudar.

É imprescindível que desde a educação infantil, estimulemos o pensamento lógico, fazendo uma abordagem de aspectos práticos de sua realidade. Desde o início

é importante para o dinâmico que, mesmo tendo um caráter de universalidade, pode ser construído pelo aluno.

4.1 Os jogos e a aprendizagem

Durante muito tempo confundiu-se “ensinar” com transmitir e, nesse contexto o aluno era um agente passivo da aprendizagem e o professor um transmissor não necessariamente presente nas necessidades do aluno. Acreditava-se que toda a aprendizagem ocorria pela repetição e que os alunos que não aprendiam eram responsáveis por essa deficiência e, portanto, merecedores do castigo da reprovação. Atualmente essa idéia é absurda e sabe-se que não existe ensino sem aprendizagem, e essa não acontece senão pela transformação, pela ação facilitadora do professor, do processo de busca de conhecimento, que deve sempre partir do aluno.

A idéia de um ensino despertado pelo interesse do aluno mudou o sentido de que se entende por material pedagógico. Está se perdendo no tempo a época em que se separa a “educação física” da atividade séria. Hoje a maioria dos filósofos, sociólogos, etólogos e antropólogos concordam em compreender a educação física como uma atividade que contém em si mesmo o objetivo de decifrar os enigmas da vida de construir um momento de entusiasmo e alegria na aridez da caminhada humana. Em síntese, o jogo é o melhor caminho de iniciação ao prazer estético, a descoberta da individualidade e a meditação individual.

Todos conhecemos o grande papel que nos jogos a criança desempenha a imitação, com muita freqüência estes jogos são apenas um eco do que as crianças viram e escutam dos adultos, não obstante estes elementos da sua experiência anterior nunca se reproduzem no jogo de forma absolutamente igual e como acontecem na realidade o jogo para criança não é uma recordação simples do vivido, mas sim a transformação criadora das impressões para a formação de uma nova realidade que responda às exigências da própria criança (Vygotsky, 1999, p.12).

Toda criança vive agitada e em intenso processo de desenvolvimento corporal e mental. Nesse desenvolvimento se expressa a própria natureza da evolução e esta exige a cada instante uma nova função e a exploração de nova habilidade. Essas funções e as novas habilidades, ao entrarem em ação, impelem a criança a buscar um tipo de atividade que lhe permita manifestar-se mais completa. A imprescindível “linguagem” dessa atividade é o brincar, é o jogo, é a atividade física.

Portanto, a atividade física está muito mais relacionada a estímulos internos que a contingências exteriores. A criança não é atraído por algum jogo por força externo inerente ao jogo e sim por uma força interna, pela chama acessa de sua evolução. É por essa chama que busca no meio exterior os jogos que lhe permitem satisfazer a necessidade imperiosa posta por seu crescimento.

Existem aspectos cruciais no emprego dos jogos como instrumento de uma aprendizagem significativa. O jogo ocasional, distante de uma cuidadosa e planejada, é tão ineficaz quanto um único momento de exercício aeróbico, para quem pretende ganhar maior mobilidade física e, uma grande quantidade de jogos reunidos em um manual somente tem validade efetiva quando rigorosamente selecionados e subordinados a aprendizagens que se tem em mente como meta.

A aprendizagem através de jogos, como futebol, vôlei, corrida: atletismo, basquete, natação e outros permite que o aluno faça da aprendizagem um processo interessante e até divertido. Para isso, eles devem ser utilizados ocasionalmente para sanar as lacunas que se produzem na atividade escolar diária. Neste sentido verificamos que há três aspectos que por si só justificam a incorporação dos jogos nas aulas. São eles: o caráter, o desenvolvimento de técnicas intelectuais e a formação de relações sociais (Groenwaid; Timm, 2002, p.19).

Isto significa, portanto que os jogos não podem ser inseridos nas práticas pedagógicas de forma aleatória, essa prática exige planejamento.

Estamos no ápice do desenvolvimento científico tecnológico e, em contrapartida, no ápice do descontentamento e insatisfação dos alunos. Assim, como educadores, temos a função de resgatar o desejo de aprender e, mais especialmente, o de aprender e educar-se. Tornou-se inadmissível que continuemos aceitando que o aluno consegue perfeitamente dar o troco ou cuidar de sua “mesada” não consiga resolver problemas envolvendo operações numéricas, por exemplo. A aplicação do jogo trazendo situações do contexto do aluno vem contemplar toda a sua gama de conhecimento que foi construída fora da escola e, muitas vezes, é ignorada em sala de aula.

Para que o nosso aluno seja preparado para exercer a cidadania dentro de um contexto demográfico é imprescindível que ele desvenda determinadas competências que certamente podem ser oferecidas pelos jogos. A boa convivência dentro de um grupo depende do desenvolvimento do pensamento divergente, da capacidade de

trabalhar em equipe, da disposição para procurar e aceitar críticas, da disposição do risco, do desenvolvimento do pensamento crítico, do saber comunicar-se.

Acredita-se que um dos efeitos do jogo deva ser o aguçamento da curiosidade e da vontade arbitrária do aluno em jogar. Mesmo que ele não demonstre interesse, num primeiro momento, ao presenciar os demais colegas jogando, ele deve sentir-se excitado a participar. Isso faz com que tenha-se que elaborar um jogo que seja de fato interessante, relevante e desafiador.

O caráter da atividade física, normalmente, se encontra na maioria dos jogos independentemente de serem pedagógicos ou não. São as técnicas intelectuais e a formação de relações sociais que devam ser consideradas com mais atenção.

Assim, se conceber-se o ensino da atividade física como um processo de repetição, treinamento e memorização, desenvolver-se-á um jogo apenas como sendo outro tipo de exercício. Mas, conceber-se esse ensino como sendo um momento de descoberta, de criação e de experimentação, ver-se-á o jogo não só como um instrumento de recreação, mas principalmente, como um veículo para a construção do conhecimento.

4.2 O papel do professor de educação física

O uso de jogos para o ensino representa, em sua essência, uma mudança de postura do professor em relação ao que é ensinar atividade física, ou seja, o papel do educador físico muda de comunicador de conhecimento para o de observador, organizador, consultor, mediador, controlador e incentivador da aprendizagem, do processo de construção do saber pelo aluno, e só irá interferir, quando isso se faz necessário, através de questionamentos, por exemplo, que levem os alunos a mudança de hipóteses, apresentando situações que forcem a reflexão ou para a socialização das descobertas dos grupos, mas nunca para dar respostas certas.

O professor/educador físico deve lançar questões desafiadoras e ajudar os alunos a se apoiarem uns nos outros, para assim atravessarem as dificuldades. Leva os alunos a pensar, esperar que eles pensem, dá tempo para isso, acompanhar suas explorações e resolver, quando necessário, problemas secundários.

Um cuidado metodológico que o professor deve considerar antes de levar os jogos para a sala de aula, é o de estudar proveniente cada jogo, o que só é possível jogando. Através da exploração e análise de suas próprias jogadas e da reflexão sobre seus erros e acertos é que o professor terá condições de colocar questões que irão auxiliar seus alunos e ter noção das dificuldades que irão encontrar.

O educador continua indispensável, é ele quem cria as situações e arma os dispositivos iniciais capazes de suscitar problemas úteis aos alunos, e organiza (contra-exemplos) que levam à reflexão e obrigam ao encontro das soluções demasiadas apressadas – assim, o professor é fundamental em sala de aula, é ele quem dá o “tom” do desafio proposto e deve ser o líder da situação, saber gerenciar o que acontece, tornando o meio o mais favorável possível, desencadeando reflexões e descobertas. É o professor que tem influência decisiva sobre o desenvolvimento dos alunos e suas atitudes vão interferir fortemente na relação que ele irá estabelecer com o conhecimento.

5 COMO E QUANDO USAR OS JOGOS

5.1 Como

Os jogos devem ser utilizados somente quando a programação possibilitar somente quando se constituírem como um auxílio eficiente ao alcance de um objetivo dentro dessa programação. De certa forma, a elaboração do programa deve ser precedida do conhecimento das crianças específico e, na medida em que este aparece na proposta pedagógica é o que devem ser aplicados, sempre com o espírito crítico para mantê-los, alterá-los, por outro ao se perceber que ficaram distantes desses objetivos.

Para Soler (2005), através dos jogos e brincadeiras, as crianças se preparam para a vida adulta. Este momento se confingura de suma importância, onde ensinar e aprender a conviver uns com os outros, com respeito, cooperação e amor ao próximo, proporcionam um processo efetivo de reconhecimento social.

Os jogos somente têm validade se usados na hora certa e essa hora é determinada pelo seu caráter desafiador, pelo interesse do aluno e pelo objetivo proposto, jamais deve ser introduzido antes que o aluno revele maturidade para superar seu desafio e nunca quando o aluno revelar cansaço pela atividade ou tédio por seus resultados.

Jogar não é somente uma atividade solta e desprovida de de intencionalidades. Carrega em sim, estímulos variados de reponsabilidade, co-responsabilidade, espaço, tempo, respeito mútuo, alcance de conteúdos de outros componentes curriculares. Estão implícitos em sua dinâmica valores e conhecimentos, que só o jogo poderia desenvolver.

Para Negrini (1995) a importância do jogo para o desenvolvimento da criança é reconhecida e necessária, representando uma parte importante do desenvolvimento escolar. O jogo dispõe a criança, dentro da escola, para escolher seus pares e as atividades que deseja realizar, sem interferência direta do adulto. Ele tem impactos

positivos na educação, quer cognitiva quer social, através da interação com os outros e com o meio.

A criança está na fase em que aprende brincando, entende o que se passa em sua volta, expressa seus sentimentos e desejos através das brincadeiras. Elas vivenciam o mundo adulto nos seus brinquedos, por exemplo, a menina quando brinca com a boneca imita a mãe que cuida dela.

Vigotsky (2002), comenta que o ser humano é um ser material e social resultado do desenvolvimento histórico. Sua formação de indivíduo se dá na sociedade (externo) para depois interiorizar o conhecimento onde 05 (cinco) momentos de assimilação são essenciais: onde se aprende vendo, tocando, convivendo; o momento dialético (diálogo e interação entre sujeito e meio) o estudante aprende fazendo e transformando e a etapa mental é onde se internaliza individualmente.

Para Vigotsky o jogo que irá proporcionar esta quantidade estímulos necessários e essenciais para a interpretação do mundo. Ver, ouvir, sentir e imaginar, vão tomar significados diferentes e especiais, à medida que vão sendo experimentados a partir do jogo.

Existem quatro elementos que justificam e, de certa forma, condicionam a aplicação dos jogos. Esses elementos não se graduam pela importância e devem ser levados em conta independentemente da ordem em que foram apresentados. São os seguintes:

Capacidade de construir em um fator de auto-estima do aluno – Jogos extremamente fáceis ou cuja solução se coloque acima da capacidade de solução por parte do aluno causam seu desinteresse e, o que é pior, sua baixa estima, associada a uma sensação de incapacidade ou fracasso. É importante que o professor possa organizá-los para simbolizarem desafios intrigantes pelos alunos, individualmente ou em grupo.

5.2 Quando

Condições psicológicas favoráveis – O jogo jamais pode surgir como “trabalho” ou estar associado a alguma forma de sanção. Ao contrário, é essencial

que o professor que dele se utilize como ferramenta de combate a apatia e como instrumento de inserção e desafios grupais.

Para Freire (1989), "nós nos educamos em comunhão, ninguém se educa sozinho." O professor pode repassar conhecimento para o aluno sobre brincadeiras e os alunos também; havendo assim uma troca de conhecimentos.

A criança está na fase em que aprende brincando, entende o que se passa em sua volta, expressa seus sentimentos e desejos através das brincadeiras. Elas vivenciam o mundo adulto nos seus brinquedos, por exemplo, a menina quando brinca com a boneca imita a mãe que cuida dela.

Mosqueira e Stobaus (1978), alertam sobre a importância da infância como base para a vida adulta, bem como a atividade desportiva ou de jogo, porque através dessas atividades e do jogo recreativo, é que aparecem os rendimentos de auto-imagem e auto-estima, indispensáveis para uma boa conduta humana.

O entusiasmo do professor e o preparo dos alunos para um "momento especial a ser propiciado pelo jogo" constituem um recurso insubstituível no estímulo para que o aluno queira jogar. Os jogos devem ser cuidadosamente introduzidos e a posição dos alunos claramente definida.

Condições ambientais – A conveniência do ambiente é fundamental para o sucesso no uso dos jogos. O espaço necessário à manipulação das peças é sempre imprescindível, assim como sua cuidadosa embalagem e organização, a higiene do local ou mesmo da quadra em que o aluno usa para sua atividade.

O próprio sentido do jogo, a convivência com o outro e suas diferenças, o respeito às regras e o prazer da conquista em si só, já produzem no homem um conhecimento e desenvolvimento de sensações e estímulos sociais que talvez outra disciplina nas escolas ou fora do ambiente escolar não produza.

Segundo Santos (2000), através do jogo, a criança desenvolve experiências de grupo, potencializa mecanismos individuais de autocontrole e valoriza a estruturação das relações sociais. O jogo pode permitir a aquisição de destrezas gerais e específicas, além da consecução de hábitos e valores. Contribui ainda para a

superação da resistência à frustração e aceitação das normas e tarefas de seu grupo, respeito e a solidariedade comum com os outros.

Fundamentos técnicos – Um jogo jamais deve ser interrompido e, sempre que possível, o aluno deve ser estimulado a buscar seus próprios caminhos. Além disso, todo jogo precisa sempre ter começo, meio e fim e não ser programado se existir dúvida sobre as possibilidades de sua integral consecução.

Graça in Gaya et al (2004) definem que as razões que justificam o jogo na escola, prendem-se com a valorização dada ao seu contributo único para a qualidade de vida dos alunos, para o seu crescimento saudável, para sua integração social, para sua habilitação para participar nas práticas da cultura desportivo-motora, para influenciar a adoção de um estilo de vida saudável.

Os benefícios do jogo não se vinculam somente ao desenvolvimento cognitivo, mas também proporcionam o reconhecimento e domínio dos limites do próprio corpo e do movimento, o que proporciona o desenvolvimento de hábitos costumes saudáveis de movimento. As habilidades desenvolvidas no jogo proporcionam a o desenvolvimento de habilidades motoras necessárias par ajuma vida integral

Para Correia (2006) as implementações do jogo nas aulas de Educação Física, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, revestem-se de uma enorme importância para a formação da criança, em um momento intrigante deste fim de século em que assistimos a uma progressiva restrição de experiências lúdicas e motoras nesta fase crucial do desenvolvimento.

O jogo e muito mais que o simples ato de se divertir. É ressignificar o processo educativo, envolvendo experiências concretas de aprendizagem com o meio. Estas experiências terão mais significativas importância, quando bem planejadas e mediadas pelo professor, traçando um processo de transversalidade do ensino, associando com o mundo em que o aluno vive e solucionando problemas reais do dia a dia.

5.3 Objetivos dos jogos

Os jogos são contextos nos quais as idéias podem ser exploradas de forma significativa e interessante. Por estar livre de pressões e imposições, o aluno se sente

mais a vontade, para rever suas ações e superar obstáculos, tanto cognitivos quanto emocionais. Além disso, o jogo estimula a exploração e a solução de problemas, criando um clima propício para a investigação, à compreensão e a descoberta de idéias e aprendizagem.

A intenção é propor aos alunos o caráter da atividade física no processo de ensino e aprendizado, valorizando a participação dos alunos na construção do conhecimento. Os jogos promovem a troca de informações e idéias entre os educandos, uma vez que, sendo atividades realizadas em grupos, os alunos precisam discutir argumentar e abalzar o ponto de vista do outro.

Para que essa atividade física constitua em desafios e gerar prazer, além de novos conhecimentos é preciso criar um ambiente propício para o uso do jogo em quadra esportiva e explorá-lo sempre com bases nas possibilidades pedagógicas.

Conhecer o jogo e as suas possibilidades pedagógicas – É importante que o professor/educador físico compreenda o jogo, suas regras e possibilidades de exploração. O professor/educador físico deve ter em mente quais são os conteúdos curriculares que o jogo está ajudando a desenvolver e a forma como esse jogo potencializa o aprendizado. É necessário que promova questionamentos e debates, ampliando ainda mais o universo de investigação das idéias e aprendizagens com os alunos.

Oportunizar a realização de um mesmo jogo várias vezes – As propostas que envolvem o uso do jogo como fonte de aprendizado requer do aluno o envolvimento e entendimento das regras e da estrutura da atividade física, e isso não acontece de imediato. Exigem do aluno um esforço pessoal e o exercício sistemático de pensar e refletir sobre suas ações e as dos colegas. Dessa forma, quanto mais oportunidades de jogar os alunos tiverem, mais aprenderão com o jogo. Jogar o mesmo jogo várias vezes também auxilia na compreensão dos sentimentos de ganhar e perder.

Não estimular a competição e lidar com a vitória de forma natural – O professor/educador físico deve lidar com a vitória sem fazer comparações entre os alunos, para que eles vejam o fato de ganhar ou perceber com naturalidade.

O professor e os alunos devem ficar a vontade para mudar as regras e inventar novos jogos – Uma das razões para o uso do jogo na instituição educacional é favorecer o desenvolvimento da autonomia intelectual e social do aluno. Nesse sentido, é importante que haja espaço para a discussão e o debate nas situações de jogo e seja estimulada a criação de novas regras e formas de jogar por parte do professor e dos alunos.

6 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E AS BRINCADEIRAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

6.1 Educação Física Escolar

Analisa-se que a Educação Física escolar propõe-se a auxiliar no desenvolvimento motor e cognitivo da criança, além da apropriação crítica e cultural de seus conteúdos, buscando o conhecimento para ressignificação da prática e formação humana. De acordo com Daolio (1996), a Educação Física Escolar é discutida numa perspectiva cultural, e a partir do referencial que a considera como uma cultura humana.

O jogo é uma prática cultural, com uma tradição respaldada em certos valores. Com isso, percebe-se que o professor tem um papel importante em auxiliar o educando no processo de ensino e aprendizagem, através da cultura popular e do movimento (Daolio, 1996).

A Educação Física na escola, é considerada uma disciplina altamente importante e motivadora, e o professor é responsável por lecionar, sendo uma pessoa indispensável no processo de colocar em prática as atividades. Conforme o que já foi mencionado, a formação profissional de Educação Física é fundamental no processo de ensino e da inserção de conteúdos que venham a contribuir na qualidade de vida dos educandos (Júnior, 2000). Tem um papel importante no ensino, pois auxilia no desenvolvimento físico e motor dos educandos, tendo como responsabilidades proporcionar os indivíduos um momento de interação, socialização e prazer para os alunos no ambiente escolar (Prandina; Santos, 2016).

Educação Física escolar é conhecida como uma área que tem finalidade social educativa, com função na formação do cidadão, deve-se ir além da prática de atividades motoras, e visar uma melhoria na qualidade de vida, aptidão física e da promoção à saúde (Ulasowicz; Peixoto, 2000).

A Educação Física tem avançado e se esforçado teoricamente para superar os modelos competitivista e tecnicista dominantes. Assim, analisa-se que nas

perspectivas dos jogos cooperativos, apontam-se alguns desafios e possibilidades da desmistificação da competição e da valorização da cooperação, não só das aulas de Educação Física, como além do espaço escolar (Corrêia, 2006).

A Educação Física escolar tem um papel fundamental em preparar o educando para ser um praticante lúcido e ativo, que incorpore à prática e aos demais componentes curriculares, certo tipo de conhecimento aos alunos, além de transformar num discurso sobre a cultura corporal do movimento. O docente para lecionar a disciplina de Educação Física tem uma condição privilegiada para avaliar por critérios informais, pois o interesse, a capacidade geral e o comportamento do aluno tornam-se muito evidentes nas situações de aula, pela natureza de seus conteúdos e estratégias (Betti; Zuliani, 2002).

Refletir sobre a Educação Física escolar, assume uma função importante no processo de ensino, intervindo de forma efetiva no desenvolvimento de uma cultura e qualidade de vida saudável. Além disso, é necessário repensar mecanismos de organização social para uma atuação eficaz, e também uma melhoria na saúde e no estilo de vida, desempenhar um papel essencial no desenvolvimento da cidadania, e ampliar as possibilidades de conteúdos para a área (Silva; Martins; Silva, 2013).

É necessário entender o cenário produzido entre a Educação Física e a mídia, trazendo o que pode contribuir na formação dos alunos, que vive em uma realidade de pandemia com isolamento social e sabe-se o quanto está sendo essencial o uso das ferramentas digitais para lecionar as aulas na educação básica (Diniz; Rodrigues; Darido, 2012).

O papel e a função da Educação Física escolar é possibilitar a aproximação das crianças com a cultura corporal com atividades aplicadas no contexto escolar, destacando as potencialidades de diversas formas que podem ser expressivas e criativas, além dos aspectos da ludicidade dessa prática. Além disso, o docente de Educação Física, em todos os locais de atuação profissional, tem que estar muito atento e preocupado com a formação humana, independente do nível de capacitação (Bortoleto; Duprat, 2007).

Percebe-se que a motivação do professor no ambiente escolar nas aulas de

Educação Física pode incentivar o discente a dedicar-se a uma determinada prática de atividade física, o que contribui no melhoramento da saúde e da qualidade de vida, e com isso traz possibilidades de a comunidade se envolver com a própria escola, favorecendo e valorizando a cultura regional. Então, a dedicação e empenho do docente são fundamentais no aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem dos alunos de uma determinada instituição (Batista; Cardoso; Nicoletti, 2019).

Vale ressaltar que a Educação Física não é apenas uma prática pedagógica na qual o docente e o discente se relacionam em um espaço dinâmico, mas uma disciplina presente na grade curricular no contexto escolar, que tem o corpo e movimento como objetos essenciais no trabalho e na ação do aluno. Diante disso, o papel pedagógico dessa área é buscar a autonomia de movimentos corporais (Gonçalves; Azevedo, 2008).

Nota-se que a Educação Física é uma disciplina importante no ambiente escolar, pois quando for efetivamente utilizada na escola com fins de divulgação das culturas corporais de movimento, poderá contribuir com a diminuição do sedentarismo. Diante disso, quanto maiores as possibilidades de atividades práticas nas aulas, aumentará o número de indivíduos que descobrirão alguma atividade que possa lhe dá prazer, tornando-se um hábito (Alves, 2007).

Verifica-se que a ausência de atividade física no cotidiano das crianças e adolescentes, principalmente na escola, pode possibilitar o surgimento de algum tipo de doença. Diante disso, percebe-se a importância do profissional de Educação Física e do Nutricionista para orientarem sobre a necessidade da prática de atividades acompanhada de uma alimentação saudável, com vistas à melhoria na qualidade de vida e prevenção de patologias (Silva; Bezerra, 2017).

Ressalta-se que praticar atividades físicas nas aulas de Educação Física na escola durante a infância e adolescência tem vários efeitos positivos, como promover o desenvolvimento motor, fazer com que todos interajam, favorecer descobertas e discussões sobre o ambiente em que vivem, vivenciar situações que contribuam na socialização e coletividade, melhorar a autoconfiança, autoestima e a expressividade (Boccaletto; Mendes, 2009).

Analisa-se que o contexto escolar representa como momento a aproximação e abordagem de crianças e adolescentes para a inserção de conhecimento e hábitos que promovam estilo de vida ativo, principalmente nas aulas de Educação Física. Sendo assim, as atividades escolares são as únicas oportunidades dos alunos desenvolverem a prática de atividades físicas significativas, e as escolas trazem excelentes resultados em intervenções para sua promoção (Kremer; Reichert; Hallal, 2012).

Possibilita-se que a Educação Física escolar tenha um compromisso com a melhoria da qualidade de vida, pois deve levar os alunos à prática de exercícios, o que desenvolve conhecimentos sobre a prática física e, sobretudo, a absorverem a importância, benefícios para a vida, com as possibilidades de identificação dos fatores que impedem, por vezes de praticar exercícios físicos regularmente e melhorarem seus estilos de vida (Devide, 2002).

Segundo Cruz e Pinto (2018), a Educação Física escolar deve proporcionar uma aprendizagem significativa para os alunos, sobre a importância de praticar e a contribuição que traz para a vida do indivíduo. É necessário que os educandos compreendam o quanto é fundamental entender a prática e os benefícios para que possam se formar cidadãos participativos e críticos.

É notório que a motivação dos alunos nas aulas de Educação Física escolar no ensino médio é voltada aos aspectos relacionados à saúde, ao esporte e às aulas diversificadas. Por outro lado, em relação à desmotivação, há aspectos direcionados pela falta de estrutura física na escola, aulas repetitivas que abordam sempre os mesmos conteúdos e grande preferência pelo esporte. Para minimizar esta questão e dinamizar as aulas de educação física, o professor precisa contribuir de uma maneira que favoreça a interação entre os estudantes dentro do processo de ensino e aprendizagem (Khaled; Tassa, 2015).

Guedes (1999) ressalta que através da Educação Física escolar, a principal meta de educação para a saúde é promover fundamentação teórica e prática, que possa levar os educandos a incorporarem o conhecimento sobre a importância dessa disciplina e a prática de atividade física relacionada à saúde, não apenas na infância, adolescência, mas também futuramente na vida adulta.

Compreende-se que a atividade física é gradativamente valorizada junto à sociedade, de forma geral, como fator relacionado à saúde e bem-estar através dos conteúdos da Educação Física escolar, diante da prática de esportes, dança, ginástica, lazer e recreação, o que possibilita a ampliação de atuação do profissional no mercado de trabalho (Coldebella; Lorenzetto; Coldebella, 2004).

Ressalta-se que a atividade física relacionada à saúde tem suas raízes no período higienista em que o papel da Educação Física era inserir atividades que trouxessem para os indivíduos disposição para trabalharem. Já no ambiente escolar, têm-se oportunidades de aprender conhecimentos que foram construídos historicamente, sendo incorporados pelos alunos depois de terem sido sistematizados (Bisconsini; Rinaldi, 2011).

Para Impolceto et al (2013), a Educação Física é reconhecida tradicionalmente por meio de práticas de educação do corpo, como a ginástica e o esporte, que atualmente ganham mais espaços, especialmente nas academias, no intuito de buscar uma melhoria na saúde, qualidade de vida, além de adquirir uma vida saudável para os educandos no ambiente escolar.

Entende-se que a Educação Física é uma área que oferece a maior responsabilidade de promover o desenvolvimento humano através da prática de atividades físicas. Diante disso, no contexto escolar ela tem uma contribuição educacional relevante para todos os indivíduos, sendo relacionada com o desenvolvimento motor, aptidão física para o bem estar e a saúde (Nahas et al, 1995).

De acordo com Callai, Becker e Sawitzki (2019), as competências específicas da Educação Física, de maneira geral, almejam que o educando compreenda, conheça, experimente e aprecie a cultura corporal de movimento para ampliar as aprendizagens adquiridas relativamente às práticas corporais, refletir sobre saúde e doenças, além de reconhecer as práticas como patrimônio histórico, de forma a usufruir dela para o lazer, e identificar seus direitos e deveres como cidadãos.

6.2 As brincadeiras nos anos iniciais do ensino fundamental

A brincadeira é um instrumento que faz parte do cotidiano da criança, é o reflexo do seu mundo interior, do que acredita, do que sabe e do que imagina. É através do

brincar que a criança desenvolve-se na sua percepção de mundo e torna explícito suas concepções, emoções e saberes que fluem no decorrer da vivência das atividades. Como aponta Rufino (2014), às atividades que exigem brincar acabam auxiliando a criança no seu desenvolvimento intelectual, físico e emocional, possibilitando a formação de conceitos e o relacionamento de ideias. Salientando que a brincadeira é uma ferramenta pedagógica importante para os anos iniciais do ensino fundamental, podendo até ser utilizada de forma multidisciplinar, no sentido de motivar e despertar o interesse do estudante para a construção do seu próprio conhecimento.

Através de jogos e brincadeiras, a criança passar a conviver com situações que instigam a autonomia, motivados para muitos interesses e capazes de aprender mais rapidamente, uma vez que um dos objetivos do trabalho lúdico é o de auxiliar a criança a obter melhor desempenho na aprendizagem através da utilização de uma metodologia que proponha a espontaneidade e diversão (Rufino, 2014).

Dessa forma, levar a brincadeira enquanto ferramenta metodológica e pedagógica para a sala de aula, segundo Cotonhoto, Rossetti e Missawa (2019) é capaz de possibilitar a

[...] construção da aprendizagem, alguns jogos têm o propósito de auxiliar o aluno na aprendizagem e desenvolvimento do raciocínio matemático e conhecimentos linguísticos. Já em outros momentos, eles auxiliam no desenvolvimento afetivo, físico-motor e social [...].

Além do mais, a escola deve ser um ambiente estimulante à procura de favorecer essa interação, devendo está fundamentada em propostas que reforcem os processos dinâmicos, resultando em construções de desenvolvimentos. Essas construções encontram espaços de formação nos momentos das brincadeiras que incorporam os significados e relações do mundo que a cerca.

Em diversos espaços, os jogos e brincadeiras possibilitam às crianças a construção do seu próprio conhecimento, pois oferecem condições de vivenciar situações-problemas, a partir do desenvolvimento de jogos planejados e livres que permitam à criança uma vivência no tocante às experiências com a lógica e o raciocínio e permitindo atividades físicas e mentais que favoreçam a sociabilidade e estimulem as reações afetivas, cognitivas, sociais, morais, culturais e linguísticas. (Cotonhoto; Rossetti; Missawa, 2019).

Além disso, é importante ressaltar que é necessário que o professor respeite o limite de seus alunos, pois os jogos e as brincadeiras não são algo para ser obrigatório, mas sim algo que os divirta, que sintam prazer em participar das aulas, caso contrário, em consequência disso, o aluno não estará trabalhando os desenvolvimentos citados acima sendo impelido a fazer determinada atividade.

[...] quando o professor incentiva o interesse por pesquisas, pelo desenvolvimento de trabalhos em grupo, pela busca por respostas por meio do lúdico, o aluno estará aprendendo de uma forma prazerosa a atividade proposta e, conseqüentemente, ao assimilar esses novos conceitos terá uma aprendizagem significativa (Cotonhoto; Rossetti; Missawa, 2019, p.40).

Portanto, entende-se que as brincadeiras e jogos são importantes para vida das crianças, pois ela terá a capacidade de desenvolver atividades que possam auxiliar em aspectos sociais e cognitivos, para outras habilidades que contribuirão no processo educacional. Que são determinadas em diferentes grupos e espaços, sendo assim fundamental na construção de uma infância digna, tendo autonomia para aprender e trocar saberes como forma de expressão cultural e como meio de comunicação entre as crianças, onde o docente possa conciliar como objetivo pedagógico.

Diante disso, percebe-se a importância da brincadeira no contexto educacional e pessoal da criança como também, um meio facilitador para os professores na construção do saber do estudante, auxiliando na transferência de aprendizagem do ensino infantil para os anos iniciais do ensino fundamental (Rufino, 2014).

De acordo com BNCC (Brasil, 2018) a interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (Flores, 2011).

Ainda referente ao documento da BNCC, é afirmado que o brincar cotidianamente para a criança, independentemente de ser com outra criança ou um adulto, amplia e diversifica sua imaginação, como seus conhecimentos e sua criatividade (Brasil, 2018). De acordo com Flores (2011, p.15) “[...] o brincar oferece

múltiplas possibilidades no desenvolvimento de habilidades motoras, afetivas, culturais, entre outras que são necessárias ao seu crescimento [...]”. Sendo assim, seja na escola, seja em sua própria casa, o incentivo ao brincar faz-se necessário para que a criança desenvolva-se associando o uso da ludicidade e assim tornar algo mais divertido e prazeroso para a mesma.

7 CONCEITO DE MATERIAIS ALTERNATIVOS

Os materiais alternativos têm seus conceitos amparados nas bases da sustentabilidade, onde se propõem o reaproveitamentos e ou reutilização de materiais que anteriormente exerceram serventia em algum outro processo produtivo.

Para Nunes e Silva (2008), os materiais alternativos são conceitos que surgem do reaproveitamento e recuperação de recursos e resíduos, visam a redução do impacto no meio ambiente. Porém esses materiais não podem deixar de serem analisados sob a ótica ambiental, averiguando o impacto dos produtos em seu processo de fabricação.

Feltrin (2023) os materiais alternativos são materiais utilizados em um outro processo produtivo de origem reciclável. Inclui-se materiais como garrafa pet, jornal, papelão, barbante, tecido velho, e outras matérias que possam ser utilizados de alguma maneira. São recursos não convencionais encontrados nos diversos sistemas e que normalmente sofreram descarte por outrem. Esses materiais e recursos não convencionais são inseridos por serem recursos de múltiplos fins, sendo encaixados em diversas possibilidades de aproveitamento.

A escolha pela utilização de materiais alternativos é uma possibilidade na aquisição de materiais para fins pedagógicos nas aulas de Educação Física, tendo em vista que nesta disciplina é recorrente a necessidade de espaços e implementos adequados, superando obstáculos que atrapalham o prosseguimento do trabalho do docente, referente à escassez de tais utensílios no âmbito escolar.

[...] oportunidades para brincar na escola, verifica-se que para ampliá-las pode-se recorrer a construção de brinquedos com materiais alternativos. Essa construção em forma de oficina possibilita a discussão e o desvelar sobre inúmeras possibilidades do brincar, tanto teóricas quanto práticas. [...] o brincar para as crianças com materiais alternativos pode constituir-se se em uma opção para que crianças [...] possam brincar na escola, e ao mesmo tempo vivenciando ações que favorecem o desenvolvimento de suas habilidades, auxiliando-as a se tornarem autônomas e criativas, além de serem de baixo custo e permitirem a difusão cultural (Tolocka; Pereira; Poletto, 2018, p.6).

Levando-se em consideração que a construção de brinquedos no âmbito

escolar pode ser utilizada como uma atividade de relevância para o desenvolvimento da habilidade de vivenciar, criar e cooperar e aludir a criatividade, podendo assim o estudante tomar suas próprias iniciativas, criando e recriando situações que ele possa participar e intervir.

O auxílio ou substituição de materiais para que os estudantes possam ter conteúdo mais completos nas aulas criando uma ligação para contemplar esses diferentes conteúdos da cultura corporal nas aulas, é possível não somente criar um diálogo entre os conteúdos da Educação Física, mas também permitir uma interlocução com outros conhecimentos construindo um ambiente interdisciplinar integrando diferentes competências no aprendizado dos estudantes.

Para Bizerra (2017, p.13) “[...] a ludicidade como processo de ensino-aprendizagem é facilitadora na construção cognitiva, de interação e desenvolvimento social do aluno [...]”. Entretanto, compreende-se que para desenvolver a ludicidade nas aulas de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental se faz necessária atitude lúdica dos docentes e dos alunos, buscando assumir uma postura de envolvimento do professor com aluno, para que haja mudança efetiva e comportamental.

Estes materiais encontraram suporte principalmente nas novas perspectivas de proteção ambiental, visando processos sustentáveis que diminuam o impacto e a degradação do meio ambiente, reduzindo o descarte de resíduos no sistema. Encontram terreno fértil, principalmente, na educação, onde se inserem em diversos processos e momentos formativos, seja na educação básica ou superior.

Essa atitude vinda primeiramente por parte dos professores explicita que os mesmos têm a curiosidade e a vontade de proporcionar aos seus estudantes atividades ou aulas mais divertidas, de fácil entendimento e que ao mesmo tempo venha a entretê-los, essa mesma atitude vinda dos estudantes mostra ao professor que eles estão abertos a novas propostas e querem sair da monotonia diária. Essa relação de comunicação entre professor e aluno traz consigo uma aprendizagem para ambos.

Os materiais alternativos são utilizados, nos dias de hoje, em diversos setores

da sociedade, desde o artesanato, até o tratamento e reutilização dos resíduos na indústria. Não obstante, no processo educacional, vai proporcionar uma formação mais ampla e transversal, dentro das perspectivas transdisciplinar, interdisciplinar e multidisciplinar, oferecendo uma visão de mundo mais ampla, e holística e responsável.

8 EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

Neste tópico busca-se reconhecer as possibilidades de construção de um pensamento sustentável na Educação Básica. Busca-se reconhecer a utilização de materiais alternativos, para além da simples substituição da falta de recursos.

A utilização e reaproveitamento de materiais e recursos alternativos possibilita experiências mais amplas do que o processo de ensino aprendizagem de conteúdos específicos. A ressignifica o reconhecimento dos sistemas sociais e ambientais, proporcionando um autorreconhecimento e autoidentificação com os vários sistemas a que faz parte.

8.1 Do conceito de meio ambiente

Espaços onde são estabelecidas interações sociais se configuram como espaços de engajamento e de organização concepção de ações coletivas. O artigo 3º da lei 6938/81, define meio ambiente como “um conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida, em todas as suas formas”.

Para Birnfeld e Birnfeld (2013), o meio ambiente compreende o conjunto de interações relacionadas à manutenção da vida, envolvendo os diferentes sistemas em que permeiam o ser humano. Os autores o identificam como um bem imaterial, onde se distingue dos bens materiais que compõem o este espaço que rodeia a vida humana, e indissociáveis do próprio meio ambiente.

O meio ambiente se destaca como centro de atividades e relações de construção de símbolos e significados, exercidos pela socialização e sociabilidade, e estimuladas por ações de emancipação, onde os seres interagem de forma bilateral, intervindo no meio, assim como sofrendo intervenção direta dele.

Dadas as atuais tendências e modificações no sistema ecológico, a sociedade tem identificado e criado uma associação direta do meio ambiente ao sistema ecológico natural que envolve os biomas. Esta compreensão tem reducionista tem

dircionado a interpretação aprofundada e possibilitando perspectivas ideológicas que restringem as as relações humanas

Dulley (2004) entende por *ambiente* um conjunto de condições que envolvem os seres vivos, sustentando, regendo e oranzando estes seres, envolvendo todos os elementos presentes na bioesfera. Já por *meio ambiente* a soma das circunstâncias e condições externas que envolvem os seres vivos como condições, comunidades ou objetos que coexistem no mesmo expectro.

Restringir a compreensão de meio ambiente apenas ao sentido de bioma presente nas diversas manifestações dos diversos sistemas ecológicos como vegetal, hídrico e ou animal, direciona um processo de exclusão do ser humanos deste sistema, excluindo sua responsabilidade e coresponsabilidade de sobrevivência múitua e harmônica.

8.2 Sustentabilidade

O termo sustentabilidade surge da palavra “sustentável” que se origina do latim *sustentare* (sustentar; defender; favorecer, apoiar; conservar, cuidar). Pode ser definida como o atributo de sustentar ou suportar uma ou mais condições. (Dicionário Online, 2024). Pode ser reconhecida como a capacidade que um sistema tem de se auto preservar.

Para Souza (2020) O conceito de desenvolvimento sustentável foi elaborado e apresentado em 1987 a partir da Comissão Mundial do Desenvolvimento e Meio Ambiente formada em 1984 pela Oganização da Nações Unidas (ONU). Em 2002 a cúpula da ONU para o desenvolvimento Sustentável, que se realizou na cidade de Joanesburgo, proporcionou vários avanços epistemológicos para o tema, entre eles a inclusão da sustentabilidade como componente essencial para o desenvolvimento humano.

A sustentabilidade, assim como os temos Ambiente, Meio Ambiente e Natureza, Vem sendo explorado e abordado corriqueiramente na atualidade, sendo associado apenas à preservação ambiental. Assim como os outros termos, tem um significado muito mais amplo, envolvendo sitemas econômicos e social.

A Organização das Nações Unidas (ONU, 2015) definiu o termo sustentabilidade como ações que podem atender as necessidades atuais sem comprometer as demandas futuras.

Santos (1996), considera a sustentabilidade um base de organização e gerenciamento equilibrado da vida, envolvendo condições e influências externas que afetam a totalidade do organismo ou das sociedades. Formas ou condições de autogestão e auto-organização de estruturas biológicas ou inanimadas de todos os tipos.

É preciso compreender a sustentabilidade para além do processo ambiental. É necessário perceber todo processo de autogestão e consolidação de organização e manutenção do equilíbrio essencial na vida do ser humano, propondo um equilíbrio qualitativo entre as sociedades humanas e os outros elementos presentes na biosfera. É preciso criar possibilidades de manutenção da vida harmonicamente entre todos os seres, se compreendendo como interdependentes entre si.

Birnfeld e Birnfeld (2013) concebem a sustentabilidade como um *bem supremo*, onde a existência e a percepção do mundo não é estática, mas a dinâmica. Não o objeto, mas seu movimento em relação ao mundo. Expressa-se, como função vital fundamental esse movimento. A sobrevivência humana, tal como de tudo que se insere ou rege o planeta, de forma simbiótica e equilibrada, que permite uma gestão de organização cíclica e infinita.

Pensar a sustentabilidade compreende e ressignificar sentidos e símbolos, a partir de uma visão ampla e holística de desenvolvimento humano. Repensar a sustentabilidade exige um certo nível de interpretação de mundo que perceba a participação, a importância, a necessidade e a co-responsabilidade de cada ser ou objeto neste universo em que nos inserimos.

Todos devem repensar sua responsabilidade em relação à terra e seu futuro, refletindo sobre suas ações, hábitos e comportamentos em relação ao cuidado e respeito ao planeta. Um planeta sustentável demanda um diálogo contínuo entre os povos e entre cada componente de uma sociedade. Dentro da escola as ações coletivas devem ser referenciadas como fortes aliadas de uma proposta sustentável,

de forma transversal, e interdisciplinar.

8.3 Educação Ambiental

De acordo com Política Nacional de Educação Ambiental (Brasil, 1999), regido Lei 9597/99, define A Educação Ambiental como:

Art. 1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Art. 2º um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal (Brasil, 1999).

Para Souza (2020) a Educação Ambiental deve partir da escola em diálogo com os vários conteúdos e componentes curriculares, de forma transversal, mas também proposta de forma interdisciplinar em projetos específicos. Além de estabelecer diálogos com a sociedade, desenvolvendo mudanças em pequenos grupos, evoluído para grupos maiores.

Para analisar a percepção ambiental dos diversos estudantes na participação dessa ação coletiva e os efeitos na construção do sujeito coletivo destacando os aspectos percepção de mudanças de envolvimento, relevância do projeto para a escola e para os estudantes. Segundo a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento

Ações desenvolvidas no espaço formais e não formais de educação, precisam estimular e desenvolver a compreensão da sustentabilidade, tanto a nível local como a regional, envolvendo diretamente aspectos sociais e culturais. A Educação precisa cumprir seu papel de fomentador da construção de uma cidadania responsável, de uma consciência coletiva acerca dos limites dos recursos naturais e das potencialidades naturais da sociedade acerca da relação ambiental.

A Lei 9.795/1999, se estabeleceu com marco da Educação Ambiental no Brasil, ao estabelecer processos, caminhos e propostas para o desenvolvimento individual e coletivo, de valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências, que desenvolvam a conservação de meio ambiente e da proteção e conservação do meio

ambiente. Construir a compreensão social do meio ambiente como um bem essencial à qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Narciso (2012) comenta que a Educação Ambiental precisa ser trabalhada nas escolas, mas não como uma exigência do MEC (Ministérios da Educação e Cultura), mas como uma forma de compreendermos que não somos os únicos habitantes deste planeta, que dependemos deste planeta tanto quanto ele depende de nós. Não é uma alternativa exaurir todos recursos disponíveis sem reposição. Da mesma forma que recebemos a terra de nossos ancestrais, devemos deixá-la para as próximas gerações.

Trabalhar a Educação Ambiental de forma interdisciplinar na escola, é essencial. Mas é preciso desenvolver estratégias e temas ligados ao Meio Ambiente, em outras perspectivas de ensino e também em conjunto com a sociedade. É necessário desfragmentar os conteúdos em propostas inovadoras factíveis, reunindo informações a partir do contexto social em que a escola se situa nos Componentes curriculares e nos projetos com a sociedade.

Para Narciso (2012) a escola é reconhecida como um espaço social de fomento e manutenção da cultura. Deve partir da cultura o local, onde o aluno está inserido, desenvolvendo a compreensão de sua função social a partir deste espaço, para o mundo. O processo de socialização, iniciado em casa, toma outras dimensões dentro da escola, evidenciando sua importância para o processo de formação humana, social e ambiental. Onde o aluno pode desenvolver habilidades e competências á uma vida saudável em sociedade.

Várias são as formas possíveis se trabalhar Educação Ambiental e Sustentabilidade de forma interdisciplinar. Projetos de Educação Ambiental como feiras de ciências, hortas comunitárias ou de reciclagem de resíduos sólidos, são alguns dos exemplos possíveis e devem ser desenvolvidos nas escolas. A utilização de materiais alternativos a partir de recicláveis nas aulas Educação Física, pode fomentar a criatividade e o raciocínio dos alunos, desenvolvendo atividades dinâmicas e participativas, unindo teoria à prática.

9 A IMPORTÂNCIA DA ELABORAÇÃO E USO DE MATERIAIS ALTERNATIVOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

No estudo de Silva et al. (2017) a temática trabalhada foi o mini-tênis o qual possibilitou aos estudantes que nunca haviam praticado a modalidade vivenciarem o esporte de modo que eles consideravam motivante, animado e divertido, concluindo os autores com a afirmativa que

[...] a utilização de materiais alternativos adaptados torna o aprendizado mais fácil, oportunizando padrão de jogo completo. Justifica-se a classificação como boa/muito boa a prática em ambiente escolar, pois todos conseguiram vivenciar o jogo, trocar bolas, na busca de resoluções de problemas ocasionados pelo jogo, tratando-se que 88% desses alunos pesquisados não conheciam o esporte (Silva et al. 2017, p. 134).

Corroborando com a afirmativa acima, o estudo de Peixoto e Azevedo (2017) com a realização das oficinas mostrou que a confecção do material desperta a criatividade para resolver problemas e propor soluções, favorecendo também o diálogo, a cooperação e a autonomia ao criar o próprio brinquedo. Contudo, vale ressaltar um ponto importante nesta pesquisa que foi a impaciência e a inquietude dos estudantes na realização das tarefas nas oficinas de construção de materiais como apontaram os autores Peixoto e Azevedo (2017, p. 27-28) “[...] Há alunos que não veem nessa experiência uma aula de ‘Educação Física de verdade’[...] a aula deveria ser na quadra, praticando esportes ou realizando atividades que envolvessem movimento corporal, conforme eles próprios fizeram questão de expor”.

Esta é uma questão que também deve ser dialogada: a construção do material usado nas aulas também como uma forma de conhecimento e experimentação, aumentando as habilidades e competências dos estudantes.

De forma semelhante, Oliveira (2019) aponta que através da confecção do material/brinquedo que a criança irá utilizar, este permitirá a realização de descobertas, de atribuição de função e significado próprio pela criança que o fabrica. Assim, apesar do brinquedo confeccionado não ter um alto grau de sofisticação ele é capaz de envolvê-la numa atividade lúdica e criativa.

Matthiesen et al. (2017) por sua vez abordando a temática do atletismo destaca

a leveza e facilidade de manuseio dos materiais em correspondência com cada faixa etária, o que mostra ser de grande valia para os alunos das séries iniciais do ensino fundamental. Outro ponto colocado pelos autores é a possibilidade de discutir questões ambientais pelo uso de material reciclável e o compartilhamento desses saberes dentro e fora da escola. Assim, defendem que

[...] tanto um (alternativo) como outro (oficial) podem contribuir para o ensino dessa modalidade esportiva na escola, em que deveria, segundo Matthiesen (2007; 2012) ser trabalhado como parte do conteúdo de Educação Física (Matthiesen et al. 2017, p.47).

Também em relação à questões ambientais, Galindo e Silva (2019) mostraram que na aula-oficina a construção de brinquedos recicláveis permitiu criar uma alternativa diversificada de práticas lúdicas, e assim também gerar nas crianças a conscientização sobre ações que auxiliam o cuidado com o meio ambiente, despertando atitudes e valores de responsabilidade social.

Esta é uma parte importante na confecção de brinquedos com materiais recicláveis, pois ver o um material considerado inútil ser transformado em algo valioso e prático para as aulas de Educação Física torna sua construção mais prazerosa e abre caminhos para a conscientização ambiental.

A confecção dos materiais alternativos que aborda Sebastião e Freire (2009) onde fizeram um estudo de caso, usando uma entrevista semi-estruturada e observação de aulas de Educação física, chegam a conclusão que os materiais alternativos eram feitos pelos professores e que não obtêm nenhuma ajuda financeira por parte da gestão escolar, sendo assim as aulas só tinham materiais se os docentes tivessem a iniciativa de proporcionar aos alunos uma aprendizagem melhor e viessem a produzir os materiais utilizados nas atividades.

Os estudos encontrados apontam que o déficit de materiais para as aulas de Educação Física e a substituição pelos materiais alternativos são uma realidade constante nas escolas, que é uma escolha pessoal dos professores proporcionarem um ensino completo ou não aos seus alunos já que é uma realidade o professor de Educação Física retirar dos seus próprios recursos financeiros para a compra de materiais ausentes na escola que são de suma importância na aprendizagem dos conteúdos dessa disciplina, além de que a falta desses materiais nas escolas tornam

o ensino algo limitado e há dificuldade no ensino aprendizagem dos alunos, pois como aponta Gemente e Matthiessen (2017) a construção de materiais alternativos para a realização das propostas pedagógicas favorecem a motivação e aprendizagem dos alunos, além de haver uma grande participação e envolvimento dos estudantes.

Na fundamentação deste estudo foi mostrado também que a ludicidade, a brincadeira, o jogo e o brinquedo são importantes para a aprendizagem dos alunos (Severino; Porrozzi, 2017; Bizerra, 2017; Rufino, 2014) e necessitam estar inclusos nos processos educacionais para que o aprender não seja algo obrigatório e sim prazeroso, divertido, para que possam ter a curiosidade de querer saber qual o conhecimento vai adquirir de seguinte de aula.

Com isto mostra-se que a construção de materiais alternativos nas aulas de Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental é uma prática de aprendizagem relevante, pois, como apontado pelos autores desta revisão, essa confecção traz consigo a ludicidade, a autonomia, a criatividade, a melhora no ensino das aulas da disciplina, acaba com a limitação dos professores em relação aos recursos materiais e também não se perde o que foi vivido pelos alunos em sua infância, trazendo na construção dos materiais itens que conhecem como garrafas pet, areia, tinta, cola branca, arco ou bambolê, latas de leite, meias usadas, ao tempo que expressam um sentimento de diversão, de cuidado e o zelo com os brinquedos construídos.

Através dos resultados exposto acima se constatou que a construção de materiais alternativos auxilia no processo de ensino-aprendizagem quando são substitutos dos materiais que deveriam existir na escola, ou seja, desenvolvendo oficinas como parte das práticas pedagógicas para a construção de brinquedos e jogos, utilizando dos materiais é do no nosso dia a dia, como garrafas pet, tampinhas de garrafas, papelão e revistas e entre outros que podem ser reutilizados para confecção, tanto para utilização dos estudantes quanto para escola, e como material pedagógico, que facilitará essa escassez no âmbito escolar. E são utilizados para dar um conteúdo mais completo aos estudantes, além de proporcionar um momento de autonomia, criatividade e ludicidade ao confeccionar os materiais para sua própria aula, desenvolvendo também o cuidado e o zelo pelos mesmos.

Pois a Educação Física no conhecimento popular é voltada apenas para prática do futebol e futsal, porém, é além das duas temáticas citadas, a Educação Física é distribuída em cinco eixos que são, os jogos, as brincadeiras, os esportes, as ginásticas e as lutas, cada um deles tem conteúdos específicos sejam eles práticos ou teóricos, além de que todos esses conteúdos proporcionam desenvolvimentos motor, cognitivo, entre outros, para os estudantes.

Portanto, a Educação Física não só na escola, mas também fora dela deve ser vista como algo complexo, que necessita de materiais didáticos específicos, de mais atenção por parte de gestores e do próprio governo para que a mesma seja desenvolvida e trabalhada com incentivo, com sua melhor forma, com vontade por parte dos professores, com cooperatividade no meio escolar.

Que não seja por falta de materiais específicos que o aluno possa vir a deixar de aprender o conteúdo necessário, professores se reinventam e criam possibilidades para que isso não ocorra, pois, pela falta de recursos gerando falta de materiais, pode-se gerar negligência ao aluno. Sendo assim, a elaboração desses materiais além de proporcionar benefícios já citados ao estudante, proporciona uma melhor efetivação no processo de ensino e aprendizagem, trazendo e atraindo o aluno com muita interação e participação. Saídas como essas, só reforçam o quanto a Educação Física é uma disciplina transcendente e ultrapassa o antiquado preconceito que se tinha sobre a Educação Física, sendo assim, vai muito além do que um simples “rolar bola” vai de estímulos que ultrapassam a prática pela prática, que auxiliam na construção ética e social do ser em formação.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração de materiais alternativos é uma estratégia valiosa para enriquecer as aulas de Educação Física nos anos iniciais, especialmente quando há escassez de recursos materiais adequados nas escolas. Ao criar brinquedos e jogos com materiais recicláveis e de baixo custo, como garrafas pet, papelão e tampinhas, os professores podem: oferecer uma ampla gama de atividades lúdicas que desenvolvam as competências previstas no currículo, como brincadeiras, jogos, esportes, ginásticas, danças e lutas; estimular a criatividade, imaginação e autonomia dos alunos, envolvendo-os ativamente no processo de construção dos materiais; aproveitar materiais comuns do dia a dia para criar alternativas viáveis quando a escola não dispõe de recursos suficientes; promover a reutilização de materiais e a consciência ambiental.

Mesmo diante de desafios como a falta de espaço físico adequado e a desmotivação dos docentes, a criação de materiais alternativos pode transformar a prática pedagógica, tornando as aulas mais criativas e significativas. Essa estratégia demonstra o compromisso do professor em garantir o acesso dos alunos aos conteúdos essenciais da Educação Física, independentemente das condições materiais da escola.

Este artigo, portanto, atinge seu objetivo ao destacar a importância da construção de materiais alternativos nas aulas de Educação Física dos anos iniciais do ensino fundamental, abordando a seguinte questão: de que forma a elaboração de materiais alternativos nas aulas de Educação Física pode auxiliar no processo de aprendizagem dessas crianças?

A elaboração de materiais alternativos e brinquedos nas aulas de Educação Física, como apontam os estudos, é crucial para o desenvolvimento social, afetivo, cognitivo e motor dos estudantes. Isso ocorre pela superação das dificuldades impostas pela falta de materiais oficiais, que dificultam a aplicação dos conteúdos e, conseqüentemente, afetam o processo de ensino-aprendizagem. Usar a criatividade para desenvolver materiais alternativos se mostra, assim, uma solução viável.

Espera-se que esta pesquisa incentive os professores de Educação Física a verem além da ausência de materiais oficiais na escola, reconhecendo na construção de materiais alternativos uma oportunidade para promover a aprendizagem, o desenvolvimento e a criatividade dos estudantes, contribuindo para sua formação integral.

Em suma, a elaboração de materiais alternativos é uma alternativa eficaz para enriquecer as aulas de Educação Física, especialmente nos anos iniciais, promovendo o desenvolvimento integral dos alunos de forma lúdica e criativa, mesmo diante de limitações materiais.

11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, P. N. **Educação: Técnica e jogos**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1990.

ALVES, R. L. **O jogo na Educação Física escolar: atribuições dada pelo professor**. Volta Redonda-RJ, 2007.

ANTUNES, C. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligência**. 8. ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2000.

BATISTA, F. L.; CARDOSO, V. D.; NICOLETTI, L. P. O professor de educação física escolar e a influência em sua prática pedagógica. **Educação em debate**. Fortaleza, ano 41, nº 80, set/dez, 2019.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação e esporte**, 2002.

BIRNFELD, L. F. H.; BIRNFELD, C. A. H. **Do amplo conceito de meio ambiente ao meio ambiente como direito fundamental**. Ano 2 (2013), nº 3, 1705-1717, 2013.

BISCONSINI, C. R.; RINALDI, W. Viabilidade do trabalho com a temática saúde em aula de Educação Física. **Marechal Cândido Rondon**, v.10, n. 18, p. 11-20, 1 sem, 2011.

BIZERRA, E. T. C. **A ludicidade na relação ensino-aprendizagem: o papel do professor de uma escola de educação infantil de Castanhal-PA**. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Paraná, UFPA, Castanhal, PA, 2017. Disponível em: https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/bitstream/prefix/473/1/TCC_IudicidadeRelacaoEnsino.pdf. Acesso em: 10 mai. 2024.

BOCCALETTO, E. M. A.; MENDES, R. T. **Alimentação atividade física e qualidade de vida dos escolares no município de Vinhedo/SP**. Campinas: IPES Editorial, 2009.

BORGES, T. M. M. **A criança em idade pré-escolar**. São Paulo: Ática, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 6 mai. 2024.

BRASIL. **Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981**. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. Brasília, DF, 1981.

Brasil. **Lei nº 9.795, de 27 de Abril de 1999; Decreto nº 4.281, de 25 de Junho de 2002**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação

Ambiental e dá outras providências. 1999. Acesso em 20/05/2024. Disponível em: <https://bibliotecadigital.economia.gov.br/handle/123456789/1000#:~:text=9.795%2C%20de%2027%20de%20abril%20de%201999&text=Abstract%3A,Ambiental%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs&text=Items%20in%20DSpace%20are%20protected,rights%20reserved%2C%20unless%20otherwise%20indicated.> Acesso em: 6 mai. 2024.

CALLAI, A. N. A; BECKER, E. P; SAWITZKI. Considerações a cerca da Educação Física escolar da BNCC. **Educ. Fís, Esporte e Saúde**, Campinas, SP, v. 17, 2019.

CASARIN, S. T. et al. Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do **Journal of Nursing and Health**. v. 10, (n. esp.), 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/19924>. Acesso em: 20 mai. 2024.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COLDEBELLA, A. O .C.; LORENZETTO, L. A; COLDEBELLA, A. Práticas corporais alternativas: formação em Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 10, n.2, p. 111- 122, mai/agos, 2004.

CORRÉIA, M. M. Jogos cooperativos perspectiva, possibilidades e desafios na Educação Física Escolar. **Rev. Bras, cienc. Esporte**. Campinas v. 27, n.2, p. 149-164, jan, 2006.

CRUZ, C. J. S.; PINTO, P. E. P. **Os benefícios da atividade física**. v. 2, n. 2, p.1- 12, abr-junho, 2018.

DAOLIO, J. **Educação Física escolar**: em busca da pluralidade. Rev. Paul, Educ. Fis. São Paulo, supl, 2, p.40-42, 1996.

DEVIDE, F. P. Educação Física, Qualidade de Vida e Saúde: campos de intersecção e reflexões sobre a intervenção. **Movimento**, v. 8, n. 2, mayo-agosto, p. 77-84, 2002.

DE SOUZA MASSA, M. Ludicidade: da etimologia da palavra à complexidade do conceito. **Aprender-Caderno de filosofia e psicologia da educação**, n. 15, 2015.

DINIZ, I. K. S.; RODRIGUES, H. A.; DARIDO, S. C. O uso da mídia em aulas de Educação Física escolar; possibilidades e dificuldades. **Movimento**, Porto alegre, v. 18, p.183-202, jul/set, 2012.

DULLEY, R. D. Noção de natureza, ambiente, meio ambiente, recursos ambientais e recursos naturais. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 15-26, 2004.

DUPRAT, R. M.; BORTOLETO, M. A. C. Educação Física escolar pedagogia e didática das atividades circenses. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**. Campinas, v. 28, n.2, p. 171-189, jan, 2007.

FEITRIN, D. A. **O processo de confecção e utilização de materiais alternativos na**

escola: uma pesquisa-ação com professores de Educação Física. PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL – PROEF, Ijuí, UNIJUI, 2023.

FERREIRO, E. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1993.

FLORES, C. D. **A importância do brincar para o desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos**. 2011. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia – Licenciatura Plena) – Universidade Federal da Paraíba, Guarabira-PB, 2011. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1227/1/PDF%20-%20Cristiana%20Domingos%20Flores.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2024.

FRARE, J. L. **A Pré-escola deve alfabetizar**. Nova escola. n. 44. nov. 1990.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GALINDO, V. A.; SILVA, C. I. Construção de brinquedos nas aulas de educação física: educação ambiental. **Saúde e Meio Ambiente: Revista Interdisciplinar**, v. 8, p. 219-236. 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.unc.br/index.php/sma/article/view/1965>. Acesso em: 9 mai. 2024.

GAYA, A.; BENTO, J.; OLIMPO, G. **Desporto para Crianças e Jovens: razões e finalidades**. Ed. UFRGS, Porto Alegre, 2004.

GEMENTE, F. R. F.; MATTHIESEN, S. Q. Formação continuada de professores: construindo possibilidades para o ensino do atletismo na Educação Física. **Educar em Revista**, Curitiba, Paraná, n. 65, jul./set. 2017, p. 183-200. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/wdw_DnZds6RhZ8whgkVV4k3s/?format=pdf. Acesso em: 17 mai. 2024.

GONÇALVES, A. S.; AZEVEDO, A. A. O corpo na contemporaneidade: A Educação Física escolar pode ressignificá-lo? **Rev. da Educação Física/UFM Maringá**, v. 19. n. 1, p. 119-130, 1. trim, 2008.

GUEDES, D. P. Educação para a saúde mediante programas de Educação Física escolar. *Motriz*, v. 5, n. 1, junho, 1999.

IMPOLCETTO, F. M. et al. As práticas corporais alternativas como conteúdo da educação física escolar. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 1, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/feff/article/view/15213>. Acesso em: 25 maio. 2024.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação Infantil**. São Paulo: Pioneira, 1994.

KHALED, T. E. A.; TASSA, O. M. E. Motivação nas aulas de Educação Física no ensino médio. *EF Deportes*. **Con, Revista Digital**. Buenos aires, ano 20, nº 203, abril, 2015.

KREMER, M. M.; REICHERT, F. F.; HALLAL, P. C. Intensidade e duração dos esforços físicos em aulas de Educação Física. 2012.

- LEIFT, J.; BRUNELLE, L. **O jogo pelo jogo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- LOPES, M. C. **Ludicidade humana**: contributos para a busca dos sentidos do humano. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2004.
- MALUF, A. C. M. **Brincar**: prazer e aprendizado. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- MATTHIESEN, S. Q. et al. Sobre materiais alternativos para o ensino do atletismo. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 8, n. 2, 2018. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2262>. Acesso em: 8 mai. 2024.
- MOSQUEIRA, J.; STOBASUS, C. **Psicologia do Desporto**. Ed. Universidade, Belém, 1984.
- NAHAS, M. V et al. Educação para atividade física e saúde. **Revista brasileira de atividade física e saúde**. v. 1, n. 1, 1995.
- NARCIZO, K. R. S. Uma análise sobre a importância de trabalhar educação ambiental nas escolas. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 22, 2012. DOI: 10.14295/remea.v22i0.2807. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/2807> Acesso em: 12 maio. 2024.
- NEGRINE, A. A concepção do jogo em Vygotsky: uma perspectiva psicopedagógica. **Revista Movimento**. ESEF/UFRGS, 1995.
- NUNES, N. C. P.; SILVA, D. A. M. **Materiais alternativos e sistemas modulares**: sua unificação na construção civil. XII Encontro latino Americano de Iniciação Científica e VIII Encontro latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba. 2008.
- OLIVEIRA, M. P. S. Tecnologias alternativas na educação física escolar: os brinquedos de sucata como possibilidade de ensino. **Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu**. v. 1., n. 1, ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/rescx/article/view/2239>. Acesso em: 9 mai. 2024.
- Organização das Nações Unidas. Assembleia Geral. Resolução 70/1 de 25 setembro 2015. **Transformando nosso mundo**: A agenda 2030 para o Desenvolvimento sustentável. Disponível em: http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/generalassembly/docs/globalcompact/A_RES_70_1_E.pdf. Acesso em: 25 mai. 2024.
- PEIXOTO, R. P.; AZEVEDO, I. O. S. Materiais alternativos nas aulas de educação física: possibilidades e desafios. **Temas em Educação Física Escolar**, v. 2, n. 1, p. 15-29, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Temas-Em-Educao-Fisica-Escolar/publication/373448588_MATERIAIS_AITERNATIVOS_NAS_AULAS_DE_EDUCACAO_FISICA_POSSIBILIDADES_E_DESAFIOS/links/64ed30f26581d611d31bae9d/MATERIAIS-ALTERNATIVOS-NAS-AULAS-DE-EDUCACAOFISICA-POSSIBILIDADES-E-DESAFIOS.pdf. Acesso em: 8 mai. 2024.
- PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. Trad. Por Dirceu Accioly Lindoso e Rosa Maria

Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

PRANDINA, M. Z; SANTOS, M. L. A Educação Física escolar e as principais dificuldades apontadas por professores da área. **Horizontes – Revista de Educação**, Dourados, MS, v. 4, n.8, julho a dezembro, 2016.

RIBEIRO, R. **A importância do planejamento nas aulas de Educação Física**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, Santa Catarina, dezembro, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/4847>. Acesso em: 17 fev. 2024.

RUFINO, T. C. S. **O lúdico dentro da sala de aula em series iniciais do ensino fundamental**. 2014. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira-PB, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/5814/1/PDF%20-%20Terezinha%20Clementino%20da%20Silva%20Rufino.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2024.

SEBASTIÃO, L. L.; FREIRE, E. S. A Utilização De Recursos Materiais Alternativos Nas Aulas De Educação Física: Um Estudo De Caso. **Pensar a Prática**, v. 12, n. 3, 30 nov. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/feff/article/view/6766>. Acesso em: 16 mai. 2024.

SANTOS, M. E. P. Algumas considerações acerca do conceito de sustentabilidade: suas dimensões política, teórica e ontológica. In: RODRIGUES, A. M. **Desenvolvimento sustentável, teorias, debates e aplicabilidades**. Campinas: UNICAMP/IFCH, 1996.

SANTOS, S. M. P. (Org). **O lúdico na formação do educador**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SEVERINO, C. D.; PORROZZI, R. A ludicidade aplicada à Educação Física: a prática nas escolas. **Revista Praxis**, Três Poços, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 2017. Disponível em: <http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/praxis/article/view/919>. Acesso em: 17 mai. 2024.

SCOPEI, J. M.; J. CAVALLI, G. L.; SCUR, L. Confecção de jogos com materiais alternativos como estratégia de ensino. **Scientia cum Industria**, v. 4, n. 4, p. 216-218, 2016. Disponível em: <http://ucs.br/etc/revistas/index.php/scientiacumindustria/article/view/4905>. Acesso em: 20 mai. 2024.

SILVA, C. G. et al. Pedagogia de projetos aplicados na iniciação esportiva no mini-tênis utilizando materiais alternativos na escola. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v.16, n.2, p. 129-136, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Roberto-Costa-13/publication/319043779_PEDAGOGIA_DE_PROJETOS_APLICADOS_NA_INICIACAO_ESPORTIVA_DO_MINI-TENIS_UTILIZANDO_MATERIAIS_ALTERNATIVOS_NA_ESCOLA/links/598cae0d0f7e9b07d2260cab/PEDAGOGIA-DE-PROJETOS-APLICADOS-NA-INICIACAO-ESPORTIVA-DO-MINI-TENIS-UTILIZANDO-MATERIAIS-ALTERNATIVOS-NA-ESCOLA.pdf. Acesso em: 8 mai. 2024.

SILVA, F. A. L.; BEZERRA, J. A. X. Benefícios da atividade física no controle da obesidade infantil. **Revista campo do saber**, v. 3, n. 1, jan/junho, 2017.

SILVA, S. E.; MARTINS, E. C.; SILVA, F. M. A saúde na Educação Física: uma revisão sobre a prática escolar. **Períodico Científico Projeção e Docência**, junho, 2013.

SOLER, R. **Educação física inclusiva**: em busca de uma escola plural. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

SOUZA, F. R. S. Educação Ambiental e sustentabilidade: uma intervenção emergente na escola. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 15, n. 3, p. 115-121, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/9616>. Acesso em: 29 mai. 2024.

TEXEIRA, F. C. F.; SOARES, S. L.; FERREIRA, H. S. A realidade dos professores de Educação Física no ensino fundamental I e II, em uma escola pública da sede do município de Massapê-CE. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 22, n. 2, p. 572-587, maio/ago., 2018.

TOLOCKA, R. E.; PEREIRA, M. F.; POLETTO, J. E. Brinquedos alternativos em escolas infantis de uma cidade do interior de São Paulo. **J. Phys. Educ.** Maringá, São Paulo, v. 29, 24 de maio, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S244824552018000100101&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 17 fev. 2024.

ULASOWICZ, C.; PEIXOTO, J. R. P. Conhecimentos conceituais e procedimentais na Educação Física escolar: a importância atribuída pelo aluno. **Revista Mackenzie de Educação Física e esporte**. Ano 3, n. 3, 2004.

VIGOTSKY, L. S. **Aprendizado e Desenvolvimento**: um Processo Sócio-histórico. 14. ed. São Paulo: Ática, 2002.